

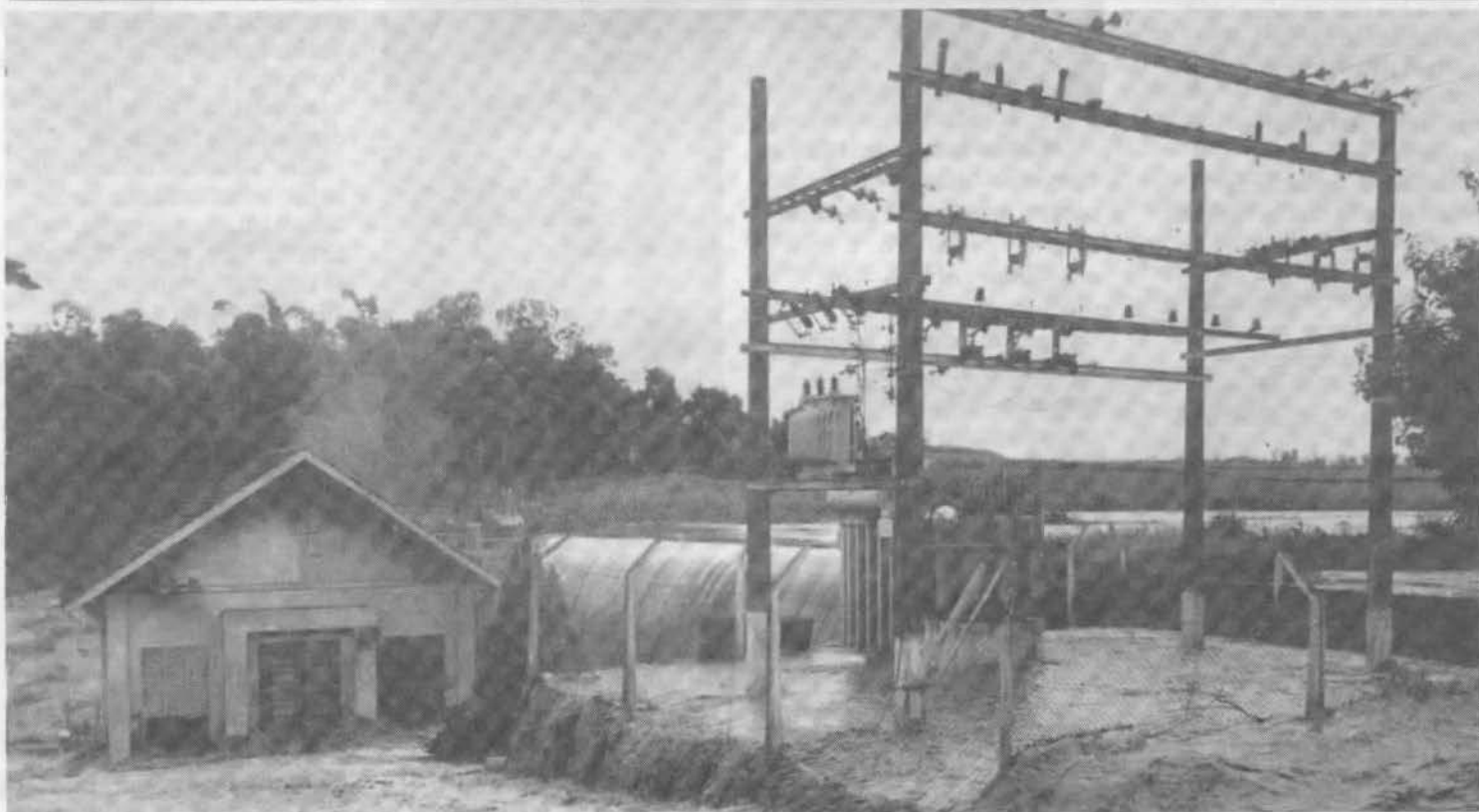


GERANDO ENERGIA, DISTRIBUINDO PROGRESSO



Copel Informações

ANO XX - Nº 152 - JANEIRO/90



A usina Três Bocas, em Londrina, tomada pelas águas em 30 de dezembro do ano passado. (página 8).

VITORIOSA NAS PISTAS



Gomide fala da situação da Copel



(páginas 2 e 3)

Gomide: "ESTE FOI O PIOR ANO DA COPEL. MEUS PARABÉNS".

Copel Informações — Como foi o ano de 1989 para o setor elétrico?

Francisco Gomide — Foi seguramente o pior de toda a sua história. Isto fica bem claro à vista de que houve uma compressão tarifária brutal que deve ter desviado do setor algo perto de US\$ 3 bilhões, em comparação com as tarifas médias praticadas durante 88. Quer dizer, o setor elétrico que está às voltas com uma insuficiência crônica de recursos para investir em obras urgentes ainda serviu de instrumento para transferir recursos ao consumidor, subsidiando-o. Digamos que metade disso foi para as indústrias, responsáveis por metade do consumo. Esta foi, então, a arte do Plano Verão que congelou tarifas e, depois que estourou, realinhou todos os preços mas deixou fora justamente as tarifas, de uma maneira difícil de compreender.

CI — Como se situou a Copel nesse contexto, comparada às demais empresas do setor?

FG — Em comparação com o resto, eu diria que a Copel está de parabéns. Soa estranho em vista de ter sido o pior desempenho nos últimos 25 anos, mas há explicação. Veja que graças à sua eficácia e eficiência, a Copel se destacou das demais empresas num ano em que o desastre foi geral. Há outras concessionárias em situação tal que podemos nos considerar felizes e satisfeitos. Mas e a Copel em comparação com ela mesma? Se de outras vezes conseguimos fechar o ano com uma remuneração média de 6 ou 8% sobre o ativo imobilizado — chegando quase a 11% em 88 — em 89 vamos ficar abaixo do zero. Caímos no vermelho.

CI — A defasagem tarifária estava condenada a sair de cena até 1991, conforme o Plano de Recuperação Setorial. Houve atraso nessa meta por insuficiência de reajustes?

FG — Na verdade, é dramático mas os aumentos reais em pequenos patamares continuaram sendo dados. Tivemos 6% num mês, 9 no outro, então na realidade a programação está sendo cumprida.



Foi-se o ano de 1989 e com ele — dizem — os piores momentos do setor elétrico brasileiro. E com ele — com certeza — os piores momentos da Copel, que desde 64 não fechava o ano com prejuízo. Mas a verdade é que ninguém sabe se o

O que é preciso ver é que o quadro mudou: quando o PRS foi concebido, o Brasil tinha uma inflação "inaceitável" de 16% ao mês, marca que precipitou o Plano Cruzado, e reajustes reais de 6 ou 9% faziam sentido. Hoje, com uma inflação de 50%, o que acontece? Mesmo que seu patamar tarifário esteja ficando razoável, com sucessivas correções, índices dessa ordem fazem com que em termos reais sua tarifa esteja caindo. Entre a nova tarifa autorizada hoje até seu efetivo recebimento, há um prazo para o consumidor consumir, outro para a leitura, faturamento, cobrança e repasse à Copel. Isso tudo leva 60 dias. Se com 30 dias a corrosão salarial é inaceitável, o que dizer das tarifas no dobro do tempo? Pior que as tarifas, só os impostos, cujo recolhimento é em 90 dias.

CI — A Copel fecha o ano com um déficit de US\$ 10 milhões, algo que não acontecia desde 64. Quais as causas disso?

FG — A incompetência das autoridades federais na administração das tarifas. Mas repare: a Copel é 4% do setor elétrico brasileiro, e se ele perdeu US\$ 3 bilhões em receitas durante 1989, a perda da Copel foi de US\$ 120 milhões. E ela teve só um

pior realmente já passou. O que esperar do ano de 1990? O que o copeliano pode esperar de sua empresa neste ano? Acompanhe a análise do presidente Francisco Gomide, nesta entrevista especial ao Copel Informações.

probleminha de US\$ 10 milhões. Foi isso que expus nessas reuniões de final de ano com os gerentes, dizendo "estou aqui para uma conversa paradoxal: ao mesmo tempo em que venho dizer que este foi o pior ano na história da Companhia, venho parabenizá-los pelo melhor resultado gerencial". O paradoxo é apenas aparente, pois como dizem os estudiosos da administração, é precisamente nas crises que aparece o gerente, e eles responderam muito bem. Durante o ano nós os cumularmos com circulares pedindo cortes, austeridade, e fiquei orgulhoso com a Copel. Acho que ela merece hoje a reputação de "empresa sinérgica", no sentido de que o todo gerencial é maior que a simples soma das partes.

CI — Mas se tudo foi assim tão bem, como explicar o prejuízo?

FG — Esse prejuízo é apenas aparente. Quem tem sensibilidade para os números da Copel sabe que para ela US\$ 10 milhões é pouco mais que nada. É uma grande empresa que fatura 400 milhões e teve um problema de 10. Mas não é só isso, a coisa é muito mais suave: esse buraco de 10 só apareceu porque a Eletrobrás nos deve 13.

CI — Provenientes do quê?

FG — A Eletrobrás é a principal financiadora de Segredo, custeando 70% dos gastos com obras civis — que é para onde está indo o grosso do dinheiro que estamos gastando. Cada fatura que a Copel paga aos empreiteiros vai para a Eletrobrás, que deve autorizar o reembolso de 70% do total pago. Só que a Eletrobrás também começou a ter dificuldades enormes em decorrência da compressão tarifária e nossas faturas começaram a se acumular, totalizando US\$ 13 milhões em dezembro. Nos prometeram resolver o problema rapidamente, ou pelo menos daqui para frente fazendo um acerto de contas com a Eletrosul. Então, com os 13 milhões da Eletrobrás, poderíamos cobrir os 10 e ainda guardar o troco.

CI — Esses 10 milhões eram devidos a alguém especificamente?

FG — Podemos dizer que sim: basicamente as duas contas que caíram nesse buraco foram as de Itaipu — que é paga para a Eletrosul — e a do ICMS — ao governo do Estado. Esta, nós conseguimos renegociar através de um decreto que autorizou o recolhimento do ICMS no mês seguinte. Quer dizer, dos 10 originais, 6 que seriam de ICMS não ficamos devendo porque o decreto reprogramou. E com Itaipu nós propusemos um acordo, um encontro de contas com a Eletrobrás, mas a Eletrosul não aceitou. Quería pagamento "cash" mesmo pois, segundo alegaram, estavam com problemas de pagamento da folha de dezembro e mais o 13º. Então pagamos uma parcela em 1º de dezembro e o saldo no dia 21.

CI — Então a Copel não fechou o ano em inadimplência?

FG — Não. O ICMS foi renegociado e a conta de Itaipu foi algo no mínimo engraçado: nós ficamos efetivamente 20 dias atrasados esperando uma negociação bem sucedida que afinal não aconteceu. O que a gente propôs? A Eletrobrás deve 13 à Copel, a Copel deve 4 a Itaipu e Itaipu deve à Eletrobrás; fazemos um acerto e a Eletrobrás fica devendo só 9 à Copel. Isso seria lógico. Só que apareceu nosso intermediário na energia de

Itaipu, querendo ter ela o direito de dar o trambique em Itaipu. Algo do tipo "Ah, a Copel não paga Itaipu? Que absurdo! Dá aqui o dinheiro de Itaipu que eu é que quero não pagar, para cobrir a minha folha de pagamento". Então nós atrasamos 20 dias porque de fato não tínhamos dinheiro, e procuramos uma solução. Uma arrecadação nova acabou acontecendo, e daí num esforço enorme a Copel pagou também essa conta.

CI — Que arrecadação foi essa?

FG — A Copel conseguiu fazer dois grandes contratos de pré-venda de energia elétrica. Vendemos US\$ 10 milhões em energia a ser entregue no futuro.

CI — Dentro em breve a Copel terá outro complicador nas suas finanças: os "royalties" sobre aproveitamento energéticos. A Empresa já calculou quanto terá de pagar?

FG — Existe a definição da lei que diz ser de 6% sobre o valor da energia gerada, só que ninguém sabe ainda o valor da energia gerada. O DNAEE ficou encarregado de fixar essa referência, que será a tarifa de geração. Mas eu diria que esse pagamento tende a ser entre metade e um terço da tarifa final. Se nós imaginarmos um tarifa do tipo US\$ 20 por MWh, pagaremos 6% disso. Quanto nós produzimos? 800 MW médios vezes o número de horas do ano. Fazendo as contas, estamos falando em algo como US\$ 8 milhões por ano.

CI — E existe alguma garantia de que a própria Copel possa usufruir pelo menos parte desse bolo, em novos investimentos no sistema elétrico do Estado?

FG — Não. A distribuição e aplicação do dinheiro dependem ainda da Constituição Estadual e da Lei Orgânica de cada município. Um esboço do que deverá ser a lei complementar estadual diz que, salvo mudança de última hora, a parte do Paraná deverá ir para o Fundo de Desenvolvimento Econômico, administrado pelo Badep. Esse FDE já é acionista da Copel, e nós pleiteamos que parte substancial da fatia do Estado, pelo

menos um terço dela, o FDE aplique na Copel na forma de capital.

CI — Todo o setor elétrico sofreu um duro golpe em 89 com o fim do Imposto Único sobre Energia Elétrica, o IUEE. Em seu lugar surgiu o ICMS que só vem para o

setor se o dono do dinheiro, o Governo Estadual, quiser. No caso do Paraná, a Copel tem sido contemplada com aportes de ICMS?

FG — De fato, não há no ICMS a vinculação que havia com IUEE, e nesse aspecto todo o setor perdeu. Mas o Governo tem destinado dinheiro à Copel, tanto que consignou no orçamento de 90 algo como US\$ 56 milhões para aumento de capital por conta de Segredo. Só que esse compromisso ele já tinha antes do fim do IUEE. Ou seja, com ou sem ICMS esse dinheiro viria.



CI — A eventual receita de "royalties" tende a cobrir o que a Copel perdeu com IUEE?

FG — Sim. É da mesma ordem de grandeza.

CI — No seu entendimento, como deverão ser estes primeiros meses de 90 para a Copel?

FG — Vão ser meses muito difíceis. Podem mesmo ser mais difíceis que este ano extremamente complicado de 89. Porque nosso problema é tanto maior quanto maior for o patamar inflacionário. Nessas reuniões com os gerentes, depois de parabenizá-los pela atuação em 89, pedi que eles se mantivessem atentos, mobilizados para enfrentar os meses seguintes, que serão ainda piores. É verdade que as últimas previsões sobre a inflação são animadoras, de que este mês ela não será de 70 nem de 100% em fevereiro. Com esses valores, nós teríamos sérios problemas até para honrar a folha de pagamento, por conta daquele fenômeno de erosão que come tarifa durante 60 dias e salário durante 30.

CI — E há realmente este risco?

FG — Infelizmente sim, e eu aproveito para pedir a atenção de

todos para que continuem com esse belo desempenho empresarial. Se tudo correr bem, será mais um desafio que a Copel deixou para trás.

CI — Por força dessas dificuldades, a Copel ordenou cortes nos investimentos em 90?

FG — A Copel fez diversos cortes. Começou em outubro, pois há uma inércia na qual qualquer medida de corte na Companhia só é sentida dali a três meses. E estamos programando também um mês de março de pouquíssima atividade. Só foram iniciados contratos de obras para atendimento direto ao consumidor, que é a missão principal da Copel e não pode ser relegada. Isso significa que a Copel vai diminuindo sua velocidade, numa decisão tomada com total tranquilidade. É muito importante que a Empresa sinalize aos empregados, aos consumidores que a coisa vai mal, se não ela vai à falência. O que aconteceria se fingissemos normalidade e começássemos a subestação x, construíssemos a linha y? Sem caixa, iríamos à rede bancária pegando dinheiro a 75% ao mês e falimos, transferindo, dando a Empresa a um banqueiro por conta desses juros. Não tem futuro quem se sujeita a 75% ao mês para se financiar. Então preferimos não fazer a obra. Mais tarde, se a inflação cair, terá sido uma sábia decisão por o pé no freio e não se endividar. Uma mudança de governo, independente de as pessoas gostarem ou não do presidente eleito, independente de quem votou em quem, sempre gera otimismo. E a tendência é que realmente de março, abril em diante o cenário se esclareça e o país fique mais governável.

CI — Nesse ambiente, a construção de Segredo foi privilegiada ou também pode sofrer mudança?

FG — Em certas coisas não se mexe, são "prioridade zero". Assim é com as obras de atendimento ao consumidor, novas ligações; e por consistência, as obras civis de Segredo. Estas obras são prioridade e não podem sofrer alteração de cronograma. Sempre dissemos isso, o tempo todo, e foi por isso que fizemos o contrato de emergência. A urgência da obra é mais do que atestada. Você tem uma data para gerar, está trabalhando com empresas de porte menor que o usual e não pode bobear com esse cronograma, que é perfeitamente factível de ser mantido para setembro de 92. Agora imagine que essas empresas

atrasam dois meses, que numa obra de 60 meses não é um atraso significativo e pode — mas não deve — acontecer: fatalmente alguém fará o argumento de que atrasaram porque não são grandes empresas como as "outras". Esse pessoal que está trabalhando lá deve aceitar o desafio de não atrasar um dia sequer. Então há até essa razão estratégica para que o ritmo da obra seja mantido.

CI — E se a Eletrobrás continuar atrasando o pagamento da sua parte?

FG — Essa é uma preocupação a mais. A Eletrobrás era o nosso pulmão nessas obras civis e já começou a ratear, e isso evidentemente preocupa. Mas veja que estamos falando das obras civis, que são prioridade zero. Mesmo dentro de Segredo, contudo, há coisas reprogramáveis, contratos onde a gente tem uma certa liberdade para remanejar. Por exemplo, lançamos uma concorrência para estradas de acesso ao reservatório e cancelamos para começar mais tarde.

CI — E a política de recursos humanos da Empresa, como fica para este ano? O bolso do empregado também sofrerá em 90?

FG — A política da Empresa não muda. Continuaremos tentando manter o poder real de compra dos salários. No curtíssimo prazo é difícil imaginar condições de a Copel praticar abonos ou antecipações, como em anos anteriores. Hoje, infelizmente, garantir a folha no dia certo já é um desafio. Não podemos fazer como outra concessionária que, segundo eu soube, só no dia 11 de janeiro conseguiu pagar a segunda metade da folha de dezembro por absoluta falta de caixa. Veja, a Copel pagou dezembro no dia 21, a outra pagou parte no dia 5 e o resto no dia 11. O que aconteceu? Jogando do dia 21 para o dia 5, comeram 14 dias ou 27% do salário do empregado, nessa inflação obscena. Mas o empregado da Copel pode ter confiança de que na hora de fechar a planilha do ano, se a Empresa teve menos chance de dar abonos e não atingiu aquele salário médio real, ele será indenizado pela Companhia. Como sempre. Assim, quando o empregado disser "o poder aquisitivo do meu salário caiu, está na hora da Empresa me dar um abono", deve pensar: ela não está podendo dar agora, mas não faz mal. Ela vai dar mais tarde. Isso a gente garante.

BALANÇO DAS ATIVIDADES DE 89



Durante a última semana do ano, o presidente Francisco Gomide visitou as quatro cidades-sede de Superintendências Regionais do interior do Estado, ocasião em que manteve reunião com os respectivos corpos gerenciais. Gomide aproveitou para fazer um rápido balanço das atividades e da situação da Companhia durante o ano de 89, agradecer o empenho e a colaboração dos empregados, e alertar para as dificuldades já esperadas para os próximos meses. (entrevista nas pág. 2 e 3)

Na foto, a reunião com os gerentes de Maringá, em 27 de dezembro.

NA EXPOVEL



A Copel marcou presença na 10ª Exposição-Feira Agropecuária e Industrial de Cascavel com a Feira da Energia no Lar e no Campo. Aproximadamente 50 mil pessoas visitaram o estande e tiveram a oportunidade de receber em detalhes orientações e explicações sobre segurança, conservação de energia elétrica e eletrificação rural durante 10 dias no mês de dezembro passado.

Entre tantos copelianos que colaboraram para o sucesso do evento, uma colher de chá àqueles que se reuniram para a fotografia no último dia da feira. Em pé: Eli, Alcido, Capelão, Audecir, Francisco, Velder, Ademir, Luiz Eduardo, Marcos, José Carlos, Hilberto e Eder; agachados: Luiz Fernando, Reni, Artur, Mauro, Gilmar, Zé Pedro e Walter.

DANTAS: A SAÚDE VAI MESMO MAL



"A saúde do brasileiro, de um modo geral, vai muito mal. Ela está literalmente doente e os governantes precisam, com urgência, tomar consciência disso. Enquanto os países do primeiro mundo aplicam 10 por cento do Produto Interno Bruto no setor de saúde, o Brasil investe apenas 2,8 por cento".

A afirmação é do médico cascavelense José Dantas Neto, eleito recentemente presidente da Sociedade Paranaense de Otorrinolaringologia para o biênio 89/91. Responsável pelo serviço médico da Superintendência Regional de Cascavel, Dantas é o segundo profissional do interior do Estado a chegar à presidência da entidade, que funciona como departamento da Associação Médica do Paraná.

Considerada como sociedade modelo no Brasil - seu fundador e presidente por duas gestões, o médico paranaense Antonio Celso Nunes Nassif, é hoje pela segunda vez o presidente da Associação Médica Brasileira - a entidade possui 158 associados. Ela busca a atualização contínua dos profissionais da área através de cursos, simpósios, congressos e jornadas.

Para Dantas, a medicina do interior tem atualmente, sob o ponto de vista médico-científico, o mesmo nível daquela praticada nas capitais. "Sob este aspecto nós avançamos muito mas,

infelizmente, em matéria de saúde da população não se pode dizer o mesmo. A nossa mortalidade infantil é superior à de alguns países da África. E a maior causa é a desnutrição", diz.

Ele cita como imperiosas algumas medidas de ordem social que o novo presidente deve tomar para reverter o caótico quadro da saúde brasileira. "Como é muito mais barato prevenir do que tratar a doença, o governo precisa contemplar a alimentação, a educação, o saneamento básico e a medicina preventiva. Outro aspecto importante é que os recursos da saúde sejam efetivamente aplicados na saúde. Com a municipalização do setor, os repasses do governo foram muitas vezes desviados para outras finalidades como pontes, escolas e obras que nunca diziam respeito à área de Saúde," finaliza.

COPEL INFORMAÇÕES

Boletim mensal de distribuição dirigida editado pela Assessoria de Relações Públicas - ARP.

CONSELHO EDITORIAL

Rubens Roberto Habitzreuter,
Julio A. Malhadas Junior e
Romeu Franzen

REDAÇÃO

Rua Coronel Dulcídio, 800
Fone 224-0400, ramal 315
CEP 80.230 - Curitiba - Paraná

SIRLENE DESCOBRE AS PISTAS.

AGORA PERSEGUE A VITÓRIA.



sorridente – de bem com a vida – e simpática – empatia própria de pessoas vencedoras e, ainda assim, humildes – diz que começou a participar de corridas em 1986, adaptando-se facilmente ao esporte. Como espelhos e incentivos conta com os colegas Abenur José Santiago, Osvaldo Herek, Salvador Barbosa e Vicente Dias, que participam dos treinamentos diários.

Amparada em seus 150 centímetros de altura e impulsionada por seus 45 quilos de velocidade, Sirlene considera-se recompensada a cada chegada: "Cada chegada é uma vitória, se se considerar as muitas desistências, a quantidade de participantes em cada prova (até 200) e a distância de várias provas – variam de 7 a 21 quilômetros".

os exercícios de alongamento e o coral, nos dias de ensaio.

Tática de corrida?

"Costumo aumentar o ritmo aos poucos, deixando que os outros disparem no começo". Talvez resida aí a razão de tantas vitórias em 3 anos de participação. A primeira prova aconteceu nos Jogos do Trabalhador do Paraná, em 86. Nos Jogos Internos da Copel em 87 obteve o 2º lugar nos 1.500 metros. Já em 88, na mesma categoria, conseguiu o 1º lugar. Ainda em 88 participou de diversas corridas rústicas culminado com a 7ª prova rústica intermunicipal Três Barras (SC) em 31.12 onde obteve o 1º lugar (outras cidades).

De abril a novembro de 89, Sirlene participou do 2º Circuito Pedestre (Sesc e Consórcio Araucária) na categoria veterana. Foram 11 provas em diversas cidades da região metropolitana, e o resultado foi ótimo: 8 troféus e 3 medalhas, ficando com o segundo lugar na classificação final do campeonato.

A participação de Sirlene no VIIº Campeonato de Corridas Rústicas, em Curitiba, foi triunfal: foram 5 provas – distância de 10 mil metros – categoria pré-veterana, onde obteve 3 primeiros lugares, ficando com o 1º lugar do campeonato, na classificação final.

Outras participações: VIIº corrida rústica da ASEPAR (Araucária), 5º lugar, categoria adulto; Iª corrida pedestre feminina (Casa Nova Decorações), 3º lugar, categoria veterana; corrida rústica emancipação política de Quatro Barras, 2º lugar, categoria veterana; XIIIª corrida pedestre PM Piraquara (Carrefour Pinhais), 5º lugar, categoria adulto; IV corrida da fogueira da Associação Artex (Blumenau), 2º lugar, categoria C.

O período 88/89 foi gratificante: foram 17 troféus e 23 medalhas. E, este ano, tem mais, com certeza.



Persistência. Resistência física. Treinamento e incentivo. Estes são alguns dos requisitos básicos necessários para se formar um atleta. Ainda que sem antecedentes genealógicos de expressão. Juntando as alegrias das vitórias às experiências (amargas) das derrotas resulta a garra, a força de vontade e o auto-adestramento para a participação, para a competição e o lazer.

Assim foi com Sirlene.

Maria Sirlene dos Santos Pereira, lotada na Fundação Copel, 'descobriu' seu interesse pelo atletismo depois que entrou na Empresa, há cinco anos. "Houve condições, há

incentivo para que se participe de esportes na Copel. E oportunidades, com os jogos internos, que conduzem, que servem de trampolim para participar de circuitos promovidos fora da Empresa", diz Sirlene.

Natural de Campina Grande do Sul – veio a Curitiba para estudar e foi ficando – é formada em Administração de Empresas pela FACE. Sempre

MUITOS TROFÉUS

"É um prazer estar ocupada o dia todo", costuma dizer Sirlene. Entre as oito horas que cumpre na Fundação Copel, na Divisão de Benefícios, aproveita a hora do almoço para o treinamento – corre uns 15 quilômetros, indo do local de trabalho ao Parque Barigui, onde realiza exercícios. Ao final do expediente, a natação.

A IMPUNIDADE NO BRASIL E OS

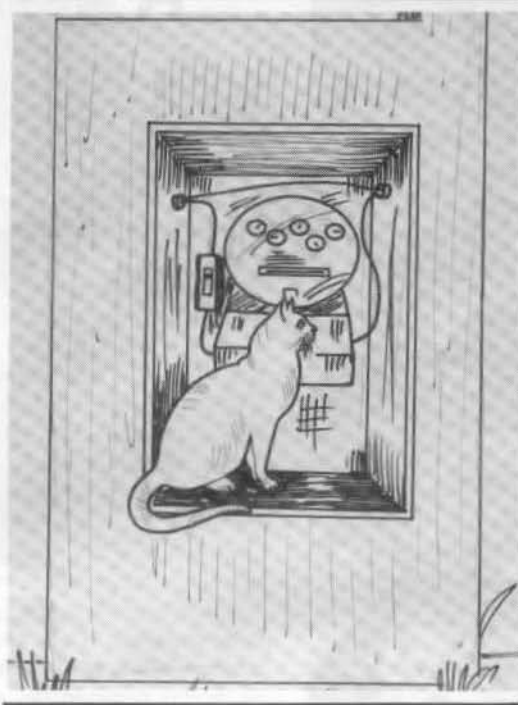
Nestes tempos de crise para o descapitalizado setor elétrico brasileiro, é permitido, aconselhável e razoável diminuir o consumo de energia elétrica. Mas não a qualquer custo e de maneira aparente para a concessionária. É preciso diminuir o consumo com o uso racional da energia que temos disponível, ainda. Para isso, há conselhos, há dicas e instruções das concessionárias, à mancha por aí.

Quanto ao furto e roubo de energia, essa ação abominável em qualquer situação, para "reduzir" o consumo — isto é, deixar de pagar todo o consumo — eles são tratados em dois textos legais: a Portaria 222 do DNAEE e os artigos 155 e 171 do Código Penal Brasileiro. No Brasil não se tem notícia de alguma condenação por fraude de energia, enquanto que em outros países elas existem e são pesadas.

FISCALIZAÇÃO

Quanto as concessionárias de energia deixam de faturar, por ano, em razão do consumo clandestino de energia? Seriam 50 milhões de dólares? Cem milhões? Ninguém sabe com exatidão. Um diagnóstico difícil sem dúvida. Do total distribuído pelas Companhias e não faturado, quanto se refere a perdas normais dos sistemas de transmissão e distribuição? E quanto é sonogado? Algumas empresas registram perdas de 12 ou 14 por cento da energia distribuída. Outras, 5 ou 8%. De qualquer forma, ou por perda do sistema ou por furto, as perdas são significativas. Se a perda no sistema é considerada normal, o resto, não faturado, é fraude.

A fiscalização — que de alguma maneira é feita por todas as empresas de energia do mundo, em algumas de forma rígida e em outras, deficitária até por falta de recursos — é difícil em função das variedades de tipos de fraudes e furtos, "descobertas" ou "criadas" pelos sonogadores — alguns até "imperceptíveis" a olho nu. Entre os casos conhecidos destacam-se os que as inspeções detectam com maior facilidade, como o desvio antes da medição, ligações à revella, jumper aberto, chave de aferição aberta e bloqueio do disco medidor, em medições diretas e indiretas.



Segundo dados estatísticos, os consumidores ligados na baixa tensão com medição direta são responsáveis por quase 95 por cento do número de fraudes e respondem por cerca de 40 por cento do total de MWh recuperados. Evidencia-se que as fraudes em usuários com medição indireta são em torno de 5% mas representam praticamente 60% dos MWh recuperados.

PRAXE ANTIGA

Prática antiga, o furto de energia elétrica vem dando crescentes prejuízos às empresas distribuidoras de energia, em todo o mundo. Nos Estados Unidos, estima-se que de 0,5 a 1% dos consumidores furtam, anualmente, US\$ 1,7 bilhão das concessionárias, apesar de sua atuação conjunta com o FBI em programas específicos para combater essas ações. Em 1981, por exemplo, dos 88.942 casos suspeitos de furto, foram detectados 12 mil consumidores fraudando a Consolited Edison (Nova Iorque), somando 7 milhões de dólares em eletricidade e gás, só naquele ano.

A New Orleans Public Service foi uma das primeiras concessionárias americanas a reconhecer o problema e desenvolveu intenso programa para combatê-lo. No primeiro ano, em 1971, a empresa forneceu

informações às autoridades que levaram a 27 detenções e 25 condenações. Dez anos depois, a lista contava com 453 detenções e 447 condenações (entre elas, um eminente advogado, um engenheiro eletricitista, um deputado estadual e um diretor de escola). A Companhia estima que 2% de seus consumidores furtam energia e que, sem um programa agressivo de detecção e intimidação, o total chegaria a 10 ou 15%.

A concessionária de energia que atende exclusivamente a cidade de Londres (Inglaterra) identificou, nos anos de 1985 e 86, 6 mil casos de fraudes em medidores, a cada ano. Em instalações que contam com medidores comandados por moedas, o percentual de furto chegava a 9% — 10 mil das 112 mil existentes — um prejuízo de 1,5 milhão de libras. Aliás, em Londres, a pessoa que denunciar furto de energia (um crime inafiançável) ganha um prêmio de 50 libras (850 cruzados novos, ao câmbio do dia 4 de janeiro de 90).

NO BRASIL

No Brasil, a situação não muda muito, no geral. De uma maneira ou outra (equipes de inspeção, programas de detecção) todas as empresas contam com alguma tentativa de evitar a proliferação de fraudes e furtos de energia mas, apesar disso,

torna-se cada vez mais difícil conter esses atos ilícitos.

A prática generalizada, apesar de todos os esforços, tem como um dos fatores favoráveis a recuperação tarifária decidida pelo governo para capitalizar o setor — com reajustes acima da inflação — o que cria uma maior predisposição por parte dos consumidores em lesar as concessionárias.

Em maior ou menor volume, todas as empresas enfrentam casos de furtos de energia. A Centrais Elétricas de Pernambuco, por exemplo, autou, no período de 85/87, 23.910 consumidores, recuperando 45.269 MWh — uma média anual de 7.730 atuações e 15.089 MWh.

Já Eletropaulo e Light atuaram, no mesmo período, 8.776 e 15.558 consumidores, respectivamente, recuperando 57.290 e 101.899 MWh — médias anuais de 2.925 e 5.186 atuações e recuperação de 19.077 e 33.966 MWh, respectivamente. A Coelba (Bahia), embora não possua dados diferenciados entre o que é perda do sistema e o que é fraudado, perde mensalmente cerca de 13%, em média, do volume de MWh que comercializa. Nos dez primeiros meses de 89, a Coelba recuperou 4.500 MWh consumidos clandestinamente, num valor superior a 1,9 milhão de cruzados novos, em valor médio das tarifas em vigor no mês de setembro.

NA COPEL

Fraudes e furtos de energia na área de concessão da Copel eram, até um passado recente, fatos inusitados. As diversas atividades das equipes de inspeção, no seu trabalho rotineiro, inibem em parte as subtrações de energia. E, convenhamos, seu baixo custo não compensava ao consumidor correr riscos de ser flagrado. Entretanto, com a incrementação de novos programas de ligação de consumidores — sem o aumento no número de equipes de inspeção — elas se tornaram menos efetivas e, aliadas aos reajustes da energia acima da inflação, propiciaram crescimento no volume de furtos.

Mais recentemente foi criado um Grupo Permanente de Prevenção e Detecção de Fraudes na Superintendência Regional de

ENERGIA

PREJUÍZOS AO SETOR ELÉTRICO

Curitiba — onde estão 51% das autuações do Estado, mas que correspondem a mais de 92% dos MWh recuperados — com o intuito de estabelecer programas de prevenção. Vários estudos foram implementados e seus resultados tabulados para uma ação efetiva no combate aos furtos.

Inicialmente foram feitas inspeções programadas com base nos dados de faturamento, e a partir daí dirigidas a grupos de consumidores com o mesmo tipo de atividade. Com fornecimento e medição em baixa tensão e, por ordem de autuação, aparecem saunas, panificadoras, salões de beleza, açougues, frigoríficos, supermercados, boates, bares, restaurantes, lanchonetes, hotéis e residências; nas indústrias com medição indireta, as de plástico e olarias.

OS NÚMEROS

Das 599 autuações de todo o Estado em 89, 401 consumidores são da regional de Curitiba, numa

média mensal de 36 autuações, recuperando 5.220 MWh dos 5.643 registrados na área de concessão da Copel.

Ponta Grossa, com apenas 31 autuações no ano, fica em 2º lugar no número de MWh recuperados: 158,8 dos quais 133 só no mês de dezembro passado. Londrina vem em 3º lugar com 158,5 MWh recuperados (51% deles só em dezembro), em 72 autuações. Cascavel fica em 4º lugar: 76 autuações, com recuperação de 86,5 MWh e Maringá é a Regional com menor percentual de fraude registrada: 19,6 MWh recuperados em apenas 19 autuações.

O volume sonogado foi o equivalente a 0,6% do total fornecido pela Copel em 1989 nos 317 municípios atendidos, com mais de 1.800 mil consumidores. As fraudes e furtos, calculados pela tarifa média a preços constantes em dezembro, somaram quase 3 milhões de cruzados novos. Este valor é semelhante à sonegação verificada na Companhia Paulista de Força e Luz (cerca de 1.700 mil

consumidores) em dez meses do ano passado. Já na Companhia Energética de Pernambuco, que de janeiro a outubro registrou 1.365 casos de desvio de energia, o percentual sonogado chega a 5% do total distribuído, portanto, não faturado, nem perdido pelo sistema. Segundo dados da Celpe, 100 mil dos 1,3 milhão de consumidores

utilizam ligações clandestinas. O caso da Light não é diferente: responsável por cerca de 11% do total de eletricidade distribuída no país — tem 2,5 milhões de consumidores — a Light registra perdas de 3,1% como uso clandestino, ou seja, 25 milhões de dólares por ano.

OS VENDEDORES DE FRAUDES

Cuidado! Os vendedores de "invenções milagrosas" que reduzem sensivelmente o total de energia a pagar no final do mês podem bater na porta de sua casa. Segundo eles, as vantagens são enormes e nunca são descobertos os motivos da diminuição do consumo. Bem falantes (imagino!), sagazes técnicos e experientes, eles podem até convencer. Nunca são descobertos porque são nômades ou porque seu trabalho é intermitente ou porque jamais

são "dedados" pelos usuários de seus serviços. Deixam, apenas, pistas: vários consumidores de uma mesma rua, ligações de um mesmo tipo de atividade. Esses atos fraudulentos estão sendo combatidos energicamente pela Copel com rastreamento de consumos "menores" que os habituais e aleatoriamente para não viciar os processos dirigidos, são feitas vistorias surpresas, além das inspeções dirigidas.

Eletricidade do automóvel:

O consumo de corrente elétrica nos automóveis modernos alcança, às vezes, níveis comparáveis aos de uma residência de consideráveis dimensões.

Se ocorrerem todas as condições adversas e o motorista, além de usar regularmente os faróis, faz funcionar ao mesmo tempo o rádio, o ar condicionado e limpadores de pára-brisas, o consumo pode até exceder a meio quilowatt — o que equivale ao gasto de corrente de uma casa com vários cômodos.

Para produzir a energia elétrica necessária para cobrir a demanda, cada automóvel possui a sua própria "usina", que pode ser o dínamo ou o alternador. A capacidade é comumente suficiente para suprir as necessidades habituais. Mas, se em algum momento o balanço energético mostrar um saldo negativo, conta-se com as reservas acumuladas na bateria. A iluminação do painel de instrumentos, com seus diversos relógios e lâmpadas, incluindo o rádio,

consome uns 20 watts. As luzes das lanternas dianteiras e traseiras demandam outros 20 watts. O motor do limpador de pára-brisas, quando funcionando, absorve 40 watts, no mínimo. Também deve-se ter presente a corrente derivada do sistema de acendedor de cigarros, estimada em 16 watts. Mas falta o mais importante: a corrente requerida pelos faróis. Por exemplo: um par de faróis principais com lâmpadas funcionando com luz alta, mais a sinaleira traseira, consomem, em conjunto, aproximadamente, 100 watts — o que faz elevar a demanda energética para 200 watts.

Se o construtor do veículo não tiver previsto um gerador com uma capacidade de 350 watts, ou seja, que tenha tomado uma folgada margem, poderia acontecer que o consumo realmente chegasse a exceder a produção. Basta que se utilize um par de faróis complementares ou lâmpadas mais fortes que as recomendadas pelo fabricante e



que, além dos acessórios mencionados, esteja funcionando o ar condicionado e o desembaçador do vidro traseiro para que se origine um déficit energético, que só poderá ser coberto pela bateria.

Por tudo isso, é conveniente que, ao começar o inverno, todo motorista inspecione o seu sistema elétrico e o de iluminação. Entre as medidas recomendáveis, e que poderão ser executadas pelo próprio motorista, po-

dem citar-se as seguintes: verificar prontamente se todas as luzes e lâmpadas acendem corretamente, o que é por si só imprescindível para elementares questões de segurança no trânsito; comprovar se a correia de acionamento do alternador ou do dínamo tem suficiente tensão e não patina; certificar-se que os terminais da bateria estão limpos e se o contato das tomadas do positivo e do negativo é bom.

Um consumo que aumenta no inverno

USINA TRÊS BOCAS INUNDADA



No dia 30 de dezembro do ano passado a usina de Três Bocas, em Londrina, foi inundada pela segunda vez em sua história – a primeira foi em dezembro de 1982.

A barragem, nas duas ocasiões, resistiu firme à pressão de cerca de 2 milhões de metros cúbicos de água de seu reservatório.

Inaugurada em 6 de fevereiro de 1943, com capacidade de geração de 500 kW, a usina sofreu enormes estragos nas duas enchentes. Agora, a Copel está estudando a viabilidade técnico-econômica de sua recuperação. Três Bocas prestou grande contribuição ao sistema elétrico e ao desenvolvimento da região norte durante esses 47 anos...

A chapa "Elas por todos" venceu a eleição para a nova diretoria do Patopel – Associação dos Funcionários da Copel de Pato Branco, disputando o pleito com a chapa União. O resultado: 68 contra 49 votos.

ELAS POR TODOS: Rosane, presidente; Laila, vice; Solange e Márcia, secretárias; Silvana, tesoureira geral; Bernardete, 1ª tesoureira; Rosângela, divulgação; Zélide, departamento esportivo; Ivone, departamento cultural; Leony, departamento assuntos gerais; Elizabeth e Nelcy, conselho fiscal.

Com a disposição com que iniciou as atividades frente ao Patopel, com planos dignos de efetivas realizações, ELAS POR TODOS com certeza não cumprirá o mandato de 90 deixando tudo elas por elas...

Parabéns meninas! E uma ótima gestão, plena de realizações para todas.

“ELAS POR TODOS” EM Pato Branco



O CAMPING DE GPS - MONTANTE

A partir do início de fevereiro você já pode usufruir do Camping construído junto à represa de Capivari-Cachoeira (Rodovia Curitiba/São Paulo).

Há lugar para a instalação de 20 barracas e 2 trailers (por enquanto) e à disposição você tem muito ar puro, natureza e a convivência da comunidade local, muito receptiva e feliz com a possibilidade de sua presença.

Para obter maiores informações e fazer reservas (o atendimento é por ordem de inscrição) você deve contatar na SGR com:

Srta. ALICE
Fone 232-1433 R. 192
Carrier 227

Há, evidentemente, um regulamento para a utilização do Camping. E é de bom alvitre que seja respeitado. Eis alguns pontos básicos:

1. A diária é de 1 (uma) BTN por pessoa. Menor de 5 anos não paga. *(Este valor refere-se à cobertura das despesas com a manutenção, afinal, você vai precisar de um local sempre limpo e um guarda para sua maior segurança e tranquilidade)*
2. Deve registrar-se por ocasião do ingresso no local.
3. A permanência mínima é de 3 dias e a máxima, de 15 dias.
4. A pesca só é permitida com caniço.
5. Uso de barcos? Sim, exceto em áreas de segurança.
6. Autoridade dentro do Camping: o administrador designado pela Copel.

Procure o regulamento completo no GERME - o clube local - siga as regras determinadas e bom descanso!

NOVOS ELETROTECNICOS



Foi quase que uma festa exclusivamente copeliana a formatura do curso de Eletrotécnica do Colégio Polivalente de Cascavel, ocorrida em dezembro passado. Dos 19 formandos, 10 já trabalham na Copel, bem como a grande maioria dos professores faz parte da Empresa, que mantém estreita colaboração com o estabelecimento de ensino. Esta foi a segunda turma de eletrotécnicos, cujo curso tem a duração de 4 anos.

GUAÍRA: 13 ANOS SEM ACIDENTES



A reforma do clube do Germe

AQUISIÇÕES DA BIBLIOTECA

ABNT. **Adequação das edificações e do mobiliário urbano à pessoa deficiente:** procedimento. 1989. 80p.

ALMANAQUE ABRIL. 1990. 886p.

BLANCHARD, Kenneth. **O gerente minuto mantém a forma.** 1986. 127p.

BRASIL. SEPLAN. **Lei das diretrizes orçamentárias 1990.** 26p.

CAMARÃO, Paulo Cesar B. **Glossário de informática:** inglês-português. 1988. 733p.

COMPCOM SYMPOSIUM, Arlington. 1620 sep. 1984 **Proceedings.** 488p.

HILEMAN, A. R. **Insulation coordination.** 1988 1v.

INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON FAULT-TOLERANT COMPUTING, 15, Ann Arbor, 19-21 jun. 1985. 445p.

PAO, YOH-HAN & ERNST, G. W. **Context-directed pattern re-**

cognition and machine intelligence techniques for information processing. 1982. 559p.

REUNIÕES de negócios: como realizar, conduzir e obter resultados positivos. 1988. 236p.

SAIB, S. H. & FRITZ, R. E. **The ada programming language.** 1983. 538p.

SÃO PAULO. DAEE. **Controle da erosão:** bases conceituais e técnicas, diretrizes para o planejamento urbano e regional, orientações para o controle de boçorocas. 1988. 92p.

SEMINÁRIO DE MANUTENÇÃO, Curitiba, 30-31 mar. 1989. **Anais.** 384p.

SINGER, Paul. **Aprender economia.** 10.ed. 1988.

SYMPOSIUM ON MASS STORAGE SYSTEMS, 6, VAIL 4-7 JUN. 1984. 108p.



A agência de Guaira comemorou com festa a passagem do 13º ano de atividades sem registro ou ocorrência de acidentes de trabalho. Os 16 empregados da unidade reuniram-se com seus familiares e amigos para celebrar o feito, com direito a bolo e muitos brindes. A agência guairense possui 11.475 consumidores. O gerente Osamu Ebuchi

atribuiu os méritos a todos os colegas que atuam em Guaira, Terra Roxa e Santa Rita, pela seriedade com que sempre encararam os temas relacionadas à segurança do trabalho: "A nossa meta agora é festejar 15 anos sem acidentes de trabalho e tenho a certeza que a nossa equipe está unida para conseguir mais este objetivo".

PARA MEDITAR

FUTEBOL DE PELADA EM PONTA GROSSA

Durou 7 meses o 14º Campeonato Interno de Futebol de Pelada reunindo 9 equipes da Regional e do centro de Transmissão de Ponta Grossa. A classificação final foi a seguinte:

- 1º lugar: Atlanta (CTRP)
- 2º lugar: Cumfu (Almox)
- 3º lugar: Tubarão(DPRO)

Destaques:

Campeão disciplinar – Cumfu
Artilheiro – Elias (Atlanta)
Goleiro – Alobim (Cumfu)



Longe de ser um trabalho monótono, a atividade de linha viva, com seu hidroelevador, chega a ser uma janela para o mundo, com tudo o que o cerca. Desde cenas indiscretas até as que levam à meditação como, por exemplo, aquela ocorrida em 27 de dezembro, em Maringá.

Duas equipes podavam árvores na rede de distribuição, trabalho rotineiro entre as milhares de sibipirunas – espécie predominante e responsável pela fama da cidade canção nos mais distantes lugares do Brasil. Quando o sol ia descambando, os trabalhadores já cansados pela árdua tarefa do dia, deparam-se com um sanhaço de pluma-

gens azuis, com a cabeça enroscada numa forquilha, mais lembrando um suicídio. O que teria ocorrido? Acidente de trabalho na construção do ninho? Desilusão com a amada? Choque elétrico, uma vez que os galhos tocavam nos fios de alta tensão? Ou teria sido descuido na espalhafatosa algarra de alguma alvorada?.

Enfim, a cena trouxe ao Altoê, ao Gardim, ao Araújo, ao Falandes e a Jurandir, um momento de profunda reflexão. Alguma coisa indesejada sucedeu ao belo pássaro, roubando-lhe a vida. A equipe porém, sempre prudente e na mesma árvore, num trabalho de maior risco, vai trabalhando... vivendo...



Equipe Campeã:

Samuel, Julio, Rogério, Carneiro, Jurandir e Sidney (em pé); Elias, Pontes, Carraro, Henrique e Walter (agachados).



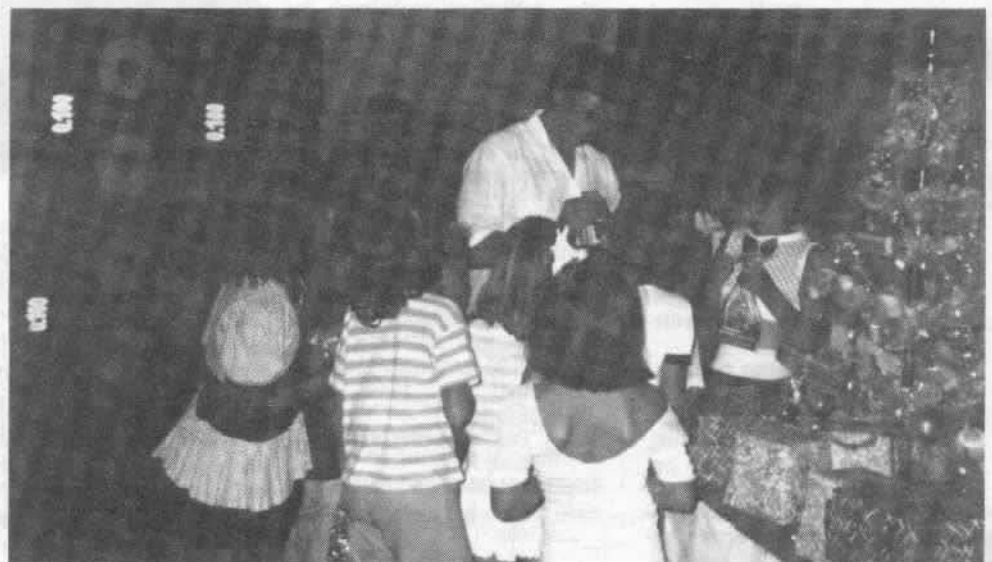
Vice-campeã:

Alobim, Renato, Sérgio, Josef e Dorico (em pé); Fernando, Riva, Tiziu e Alves (agachados).

CTRP CONFRATERNIZA

Pela segunda vez consecutiva os empregados do Centro de Transmissão de Ponta Grossa realizaram sua festa de final de ano com a participação de seus familiares.

A festa constou de um jantar, distribuição de balas às mais de 80 crianças presentes, sorteio de brindes aos empregados e depois, um sensacional baile, com um belo prêmio ao casal melhor dançarino.



TRESELO

Miguel Cordeiro, supervisor de manutenção de linhas e redes da Regional de Curitiba, encaminhou ao Programa Interno de Sugestões Copel, em conjunto com Wilson Eurásio e Antonio Waldir Dino (este, aposentado) o modelo de um novo equipamento para facilitar a movimentação de materiais.

Denominada "TRESELO", a peça é um estropo (*dispositivo de cabo, corrente ou lona com que se envolve um peso para içá-lo*) de corrente de aço com três argolas ou olhal em formato de pera. A finalidade é sua utilização para exercer esforços na movimentação de equipamentos (postes, trafos, religadores etc). Com essa especificação não haverá mais necessidade de se fabricar estropos de comprimentos diversos - essa ferramenta atende as muitas situações do dia-a-dia das turmas de manutenção - com vantagem financeira e sem prejuízo no desempenho técnico.

CORREIA

Nelson Adolar Stratmann, também da regional de Curitiba, fez alguns testes com correias de borracha para amarração de escadas sobre veículos e amarração de esporas, substituindo as correias de couro. O resultado foi considerado muito bom e, em vista disso, encaminhou sua sugestão ao PISC. Foi aprovada e premiada.

Segundo Nelson, as correias anteriormente utilizadas eram de couro e não tinham, por isso, resistência uniforme e raramente suportavam uma tração superior a 200 Kgf. Além disso, deterioravam facilmente quando molhadas.

A correia de borracha vulcanizada de 3 lonas, 25 mm de largura (para amarração de escadas) e de 2 lonas, 22mm de largura (para esporas) não se deterioram. Nos testes realizados, Nelson aplicou um esforço de 350 Kgf - limite da fivela - sem que a correia apresentasse deformação alguma. Já o DPPM/SED conseguiu, nos testes, a resistência a uma força de tração de 480 Kgf, valor bem superior ao suportado pelas correias de couro em uso.

PISC PAGA MAIS PRÊMIOS



Os cheques desses dois prêmios foram entregues pelo superintendente administrativo Hélio José Pizzato, na presença do superintendente Regional Sérgio Eugênio Busato, Mário Daltrô Londero da Silva, Assistente da SRC e Carlos José de Carvalho, gerente do Centro Técnico de Distribuição de Curitiba.

DEZ ANOS JUNTOS. SEM ACIDENTES.

O Centro de Distribuição de Pato Branco prestou uma justa homenagem à turma de linha viva formada pelos colegas Nedi José Machado, Guilherme Gustmann Sendelski, José Valdir dos Santos e Olaumir Pedro Guérios. Afinal, eles trabalham juntos há dez anos e nesse tempo nunca sofreram acidentes do trabalho. A passagem da data foi celebrada com a entrega de placas e diplomas comemorativos.



FIGUEIRA MOSTRA CIÊNCIAS



O clube da usina de Figueira foi palco da exposição dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos da escola Leão Schulmann, para a mostra de Ciências. Foram apresentados trabalhos em madeira, pintura em tecidos, cartazes de folclore, experiências de ciências e decorações e maquetes - estas realizadas pelo Jardim II e III. Na foto, experiências comprovando a pressão do ar sobre os corpos.

TERMAS YARA:

Um dos mais tradicionais e procurados recantos turísticos do Paraná vive momentos de esvaziamento e incerteza. As termas de Yara, no norte pioneiro, a 9 quilômetros de Bandeirantes.

Yara conheceu seu auge entre 1966 e 74 – não por coincidência tempos do "milagre econômico", que decerto ajudaram a impulsionar o fluxo de visitantes e hóspedes. O casarão com fachada em arcos e 10 mil metros quadrados de área, distribuídos em dois níveis e capaz de alojar 300 pessoas em seus 100 apartamentos (todos eles com banheiro privativo por cujos encanamentos só corre água mineral das próprias fontes) com certeza conheceu tempos melhores.

Em estado de semi-abandono, necessitando de reparos urgentes e generalizados (deste trincas nas paredes até reconstrução de sistemas hidráulicos), a imponente construção erguida em 1943 enfrenta a fria lógica matemática para sobreviver: uma reforma em regra para transformá-la novamente num hotel competitivo e condizente com a modernidade vai sair mais caro que providenciar uma nova construção com a mesma metragem.

ECOS DO PASSADO

Percorrer o grande solar vazio e permanentemente fechado, produzir nos corredores de tábuas corridas sons que reproduzem a realidade do abandono, é o mesmo que invocar ecos do passado para o gerente da estância, Sidney Ferreira. Há 22 anos cuidando das Termas – os últimos ao lado da esposa Josefa – Sidney lamenta a situação mas ainda aposta no futuro do empreendimento, desde 81 nas mãos do grupo Matsubara, de Cambará. "O que dá um certo receio de investir aqui tem muito a ver com a própria situação econômica do país", diz ele desabafando. Mas no potencial do local ele acredita: "Nos anos 70, por exemplo,



RECANTO

DE FUTURO INCERTO

uma reserva no hotel tinha de ser providenciada, às vezes, com 2 meses de antecedência", lembra ele que até hoje recebe ligações de ex-frequentedores perguntando por acomodações. "É com dor na alma que pacientemente explico que o hotel não é o mesmo. Mas o pior é quando me pedem uma perspectiva de reabertura. Honestamente, não sei..."

MÃE DAS ÁGUAS

Independentemente da situação do hotel, o recanto recebe ainda hoje visitantes das redondezas, interessados em aproveitar a água alcalina de ótima qualidade e atestadas propriedades

medicinais, ou simplesmente em se divertir na piscina de cujo centro, na forma de um chafariz, jorra água numa temperatura de 31,8 graus. A importância de Yara cresce muito se tratada no contexto regional, já que para grande parcela da população ela é a única opção de lazer. E é dessa gente, que paga 10 cruzados novos para passar o dia na piscina e consome cerveja e refrigerante no bar do próprio hotel, que vem a única fonte de receita das termas. O engarrafamento e comercialização da água mineral (cuja análise de composição química data de maio de 43) foi suspenso em 1970.

As termas têm o início da sua história vinculado ao

nome de Domingos Regalmuto Coffa, que por volta de 1934 adquiriu os 90 alqueires em cujo centro localizam-se as fontes da água. Com visão empreendedora, ergueu o hotel, construiu a piscina e fez do local um respeitado ponto turístico. Depois dele, assumiu Paschoal d'Andrea que enfrentou as primeiras dificuldades. Não querendo assistir impotente à deterioração do recanto, passou-o ao controle da família Matsubara – capaz de, com seu capital, revitalizar e reconstruir a estância.

Mas a reversão do quadro atual vai além do aspecto sentimental. A questão é séria. E Bandeirantes aguarda...

